

Hugo C. Cardoso, Tjerk Hagemeyer e Nélia Alexandre

38 Crioulos de base lexical portuguesa

Abstract: Os crioulos de base lexical portuguesa foram, na maioria dos casos, línguas orais até ao século XIX, quando começaram a surgir as primeiras recolhas de tradições orais, textos e traduções. Como lhes falta uma tradição escrita robusta e generalizada, a nossa recolha e descrição abrangem, além de antologias, materiais que, não sendo antologias no sentido restrito, resultam de um trabalho de compilação de fontes escritas ou orais.

Keywords: Crioulos portugueses, África, Ásia, Antologias, *Corpora*

1 Panorâmica dos crioulos portugueses

Os crioulos de base lexical portuguesa estão ligados à expansão marítima ptg. em África e na Ásia, tendo resultado do contacto entre o ptg. e diferentes línguas africanas e asiáticas. Alguns destes crioulos, nomeadamente na Ásia, extinguiram-se, tendo ficado apenas registos da transição do século XIX para o século XX. À exceção dos crioulos da Alta Guiné, a vitalidade dos crioulos ptg. vivos está, de uma forma geral, a diminuir. Optámos por agrupar estas línguas em áreas geográficas principais e subáreas, a saber África (Alta Guiné, Golfo da Guiné) e Ásia (Ásia meridional, Sudeste asiático, Ásia oriental). Nos Mapas 1 e 2 mostra-se a localização atual ou passada dos crioulos mencionados neste capítulo.

1.1 África

Os crioulos ptg. em África distribuem-se por dois grupos que surgiram de forma independente, os crioulos da Alta Guiné e os crioulos do Golfo da Guiné, nos séculos XV e XVI. As diferenças tipológicas entre estas duas unidades são significativas (e.g. Ferraz 1987), revelando o impacto de histórias sociais e línguas de substrato distintas.

1.1.1 Crioulos da Alta Guiné

Os crioulos de base lexical ptg. falados na Alta Guiné (CAG), nomeadamente, o cabo-verdiano, falado em Cabo Verde, o kriyol, falado na Guiné-Bissau, e o crioulo de Casamansa, falado na região de Casamansa (Senegal), são línguas com um elevado grau de inteligibilidade mútua, em particular os últimos dois, que são geralmente considerados dialetos da mesma língua (e.g. Kihm 1994).



Mapa 1: Crioulos de base lexical portuguesa de África.



Mapa 2: Crioulos de base lexical portuguesa da Ásia.

A maioria dos estudiosos defende que logo a partir dos fins do século XV, inícios do século XVI, se terá desenvolvido na ilha de Santiago, em Cabo Verde, uma língua de contacto, o proto-crioulo da Alta Guiné (Duarte 2003; Jacobs 2010), que surgiu num contexto de escravatura e de contacto linguístico entre o ptg. e várias línguas africanas. Esta língua ter-se-á ramificado, dando origem aos atuais CAG. Se o ptg. forneceu a maior parte do léxico aos CAG, estes também refletem aspetos gramaticais de línguas pertencentes às famílias Mande e Atlântica, tais como o mandinga e o wolof.

1.1.2 Crioulos do Golfo da Guiné

Os crioulos do Golfo da Guiné (CGG) constituem uma unidade genética composta por quatro línguas cuja inteligibilidade mútua é limitada. Três dos quatro CGG são falados em São Tomé e Príncipe, nomeadamente o santome e o angolar, na ilha de S. Tomé, e o principense na ilha do Príncipe. O fa d'ambô é falado na ilha de Annobón, na Guiné Equatorial. Devido à migração, cerca de metade dos falantes do fa d'ambô residem na ilha de Bioko, situada no mesmo país (Post 1998).

Os quatro CGG descendem de um proto-crioulo do Golfo da Guiné que em finais do século XV se desenvolveu na ilha de S. Tomé a partir do contacto entre o ptg. e línguas africanas pertencentes à família benue-congo. Devido à migração entre ilhas, uma forma deste proto-crioulo terá sido levada para as ilhas do Príncipe e de Annobón no século XVI, ao passo que o angolar resulta muito provavelmente de fugas de escravos na ilha de S. Tomé (e.g. Hagemeijer 2011).

1.2 Ásia

Os crioulos luso-asiáticos estenderam-se um pouco por toda a costa asiática, incluindo a área insular, mas tiveram particular incidência na Ásia meridional e no sudeste asiático.

Sendo falados numa área tão vasta, estes crioulos desenvolveram-se em contacto estreito com línguas muito diversas entre si, de quatro famílias linguísticas diferentes. Entre eles encontra-se, como será de esperar, bastante variação e divergência mas também certas características comuns que configuram uma relativa unidade dos crioulos da Ásia e simultaneamente os distanciam dos crioulos do Atlântico (e.g. Ferraz 1987). As razões concretas para esta semelhança são ainda relativamente obscuras, dada a escassez de dados documentais e estudos históricos a este respeito. Contudo, Dalgado (1917) formou a hipótese de que as diversas regiões onde estes crioulos se estabeleceram deverão ter mantido um intercâmbio que permitisse uma «recíproca transfusão parcial» a nível linguístico; e Clements (2000) considera que o contacto que primeiramente se estabeleceu no sudoeste indiano deverá ter produzido

um *pidgin* asiático de base ptg. que posteriormente se veio a expandir por todo o continente e a influir nos crioulos que aí se formaram.

1.2.1 Crioulos da Ásia meridional

Foi nesta zona que teve início a expansão ptg. na Ásia, com a chegada da frota de Vasco da Gama a Calecute em 1498, e foi aqui também – em Goa – que se estabeleceu o centro administrativo de todo o império ptg. no Oriente. Os crioulos que, neste contexto de expansão colonial, se formaram na Ásia meridional são geralmente referidos coletivamente como «Indo-Português». Estes crioulos foram falados em vários locais costeiros das atuais Índia, Sri Lanka, Bangladesh e Birmânia, mas tiveram maior expressão nas duas primeiras.

No passado, houve comunidades crioulófonas vibrantes em muitas cidades da região, incluindo Bombaim, Mangalor, Calecute, Coullão, Tuticorim, Negapatão, Meliapor, Hugli, Colombo, Gale, Chittagong ou Sirião – para mencionar apenas algumas. Atualmente, a sua presença é bem mais reduzida: sobrevivem os de Diu, Damão, Korlai, Cananor e Sri Lanka (anteriormente chamado Ceilão) – o qual, apesar de ter em tempos sido usado um pouco por toda a ilha, atualmente se restringe às cidades de Batticaloa e Trincomalee. O crioulo de Vaipim, na vizinhança de Cochim, extinguiu-se em 2010 com o falecimento do que parece ter sido o último falante fluente nessa região.

1.2.2 Crioulos do sudeste asiático

Malaca, onde em 1511 se estabeleceu uma das principais feitorias ptg. na Ásia, teve um papel essencial na difusão da língua ptg. por todo o sudeste asiático, incluindo a sua parte insular. Para além de Malaca, a presença de um crioulo de base ptg. foi atestada em locais tão dispersos como Singapura, Batávia (a atual Jacarta) e a vizinha Tugu, Tidore e Ternate (no arquipélago das Molucas) e em Bidau, um bairro de Díli. Para além disso, pode presumir-se a sua existência, no passado, em muitos outros locais onde se formaram comunidades ptg. ou luso-asiáticas, incluindo a atual Tailândia, Malásia, Camboja, Vietname, em várias ilhas indonésias e noutros locais de Timor-Leste, tal como a antiga capital de Lifau (Baxter 1996).

De entre os crioulos que se formaram no sudeste asiático, subsiste apenas o de Malaca, nesta cidade e em locais onde a comunidade luso-asiática de Malaca se estabeleceu, nomeadamente Kuala Lumpur e Singapura. O crioulo de Bidau, em Timor, foi registado pela última vez na década de 50 do século XX (Thomaz 1985; Baxter 1990) e, ao que tudo indica, desde então terá deixado de ser falado.

1.2.3 Crioulos da Ásia oriental

Na Ásia oriental, o crioulo ptg. de maior expressão, e aquele que subsiste ainda em estado de obsolescência, é o de Macau, atualmente falado com fluência nativa apenas por algumas pessoas em Macau e na diáspora macaense. No passado, houve comunidades macaenses ativas em locais como Hong Kong e Xangai, que para aí transportaram o crioulo de Macau. É possível presumir a sua utilização, no passado, também noutras áreas da Ásia oriental, em especial no Japão (Nagasaki) em consequência da feitoria ptg. que aí foi estabelecida em meados do século XVI.

2 Antologias

Esta secção tem por objetivo fornecer uma panorâmica das publicações que incluem recolhas de materiais escritos e/ou orais das línguas crioulas das diferentes áreas e unidades genéticas em questão. Tendo em conta que para muitas destas línguas crioulas a tradição antológica é restrita ou mesmo inexistente, adotámos uma definição de antologia abrangente. As secções que se seguem incluem, por um lado, obras que compilaram material primário, tais como transcrições de recolhas, provérbios e outros, e, por outro lado, material secundário, isto é, material que já tinha sido publicado noutras ocasiões. Na secção 2.1 referimos sucintamente obras que pelo seu carácter generalista incluem textos de um leque mais ou menos diversificado de crioulos ptg. A secção 2.2, por sua vez, é dedicada a trabalhos que visam crioulos específicos.

2.1 Fontes gerais

O interesse académico em crioulos de base lexical ptg. remonta aos finais do século XIX, através dos estudos pioneiros de Francisco Adolpho Coelho e de Hugo Schuchardt. Coelho publicou os seus estudos sobre línguas crioulas de diferentes bases lexicais, intitulados «Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América», no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (1880–1886). Juntamente com os estudos pioneiros sobre o crioulo de Cabo Verde de Costa/Duarte (1886) e de A. de Paula Brito (1887), estes trabalhos foram republicados em Morais-Barbosa (1967). Schuchardt publicou a maioria dos seus 40 artigos e recensões sobre línguas crioulas em duas revistas entre 1882 e 1893, a *Zeitschrift für romanische Philologie* e a *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien* (secção 3.2). São também fundamentais os diversos trabalhos de Sebastião Rodolfo Dalgado sobre os crioulos indo-portugueses a partir do século XX (1900–1919). Os trabalhos destes pioneiros dos estudos de crioulos ptg. serão aprofundados na secção 2.2.

As introduções às línguas crioulas de Holm (1989) e Couto (1996) também apresentam textos ilustrativos de diversos crioulos ptg., acompanhados das respetivas traduções. Tomás/Pereira (1998) consiste numa seleção de textos, com tradução, de 14 crioulos ptg. «A Viagem dos Sons» (1998) é uma coleção de 12 CDs que inclui registos musicais de diversos espaços crioulos. Por fim, todos os capítulos que descrevem crioulos ptg. no volume II de Michaelis et al. (2013) vêm acompanhados de um texto glosado e traduzido.

2.2 Fontes específicas

Esta secção apresenta as fontes para crioulos específicos, seguindo a estrutura por áreas geográficas da secção 1. As descrições serão ilustradas com alguns textos dos crioulos ptg. Não existindo para a maioria destas línguas uma ortografia normalizada, optámos por utilizar a ortografia original.

2.2.1 Crioulos da Alta Guiné

Nos CAG encontramos uma grande quantidade de produção escrita, apesar de ser desequilibrada, visto que em cabo-verdiano, desde finais do século XIX, há muito mais textos do que em kriyol e em crioulo de Casamansa, tanto em quantidade, quanto em diferentes formatos textuais (e.g. conto, romance, drama, poesia, opinião, publicidade e epístola).

Assim, desde a segunda metade do século XIX há testemunhos escritos em cabo-verdiano. Destacamos as observações linguísticas e os textos epistolares (traduzidos) de Coelho (1880–1886); os provérbios e a parábola do filho pródigo, traduzida para seis variedades dialetais (do sotavento e do barlavento), de Costa/Duarte (1886); os provérbios e adivinhas de Brito (1887) e os contos e provérbios, acompanhados de notas explicativas, que Schuchardt (1888c) publicou. Este autor (1888b) também escreveu sobre o kriyol, tendo publicado dois contos e um poema.

No século XX, e devido à grande produção literária em cabo-verdiano (essencialmente, poesia), encontramos em Moura (1934) pequenos excertos de cartas e poemas traduzidos. A revista *Claridade* (lançada em 1936) foi também responsável pela construção daquilo a que os seus fundadores (Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva e Jorge Barbosa) chamam «cabo-verdianidade» ao publicar, em nove números (até 1960), textos poéticos da tradição oral em cabo-verdiano.

Valkhoff (1975) apresenta dez textos cabo-verdianos de Sérgio Frusoni, com tradução, e quatro contos tradicionais contados por um falante da ilha de Brava. Em Romano (1982) é apresentada a primeira antologia de poesia, com cem poemas.

Um autor muito dinâmico na recolha e transcrição de textos (orais) em cabo-verdiano é Tomé Varela da Silva, o qual em 1985 publica as letras de *finason* de Nasia

Gomi, embora sem apresentar as respetivas traduções. Em 1987, o autor lança três volumes do livro *Na Bóka Noti*, em que apresenta uma coletânea de 100 contos recolhidos entre 1973 e 1985 junto de contadores de histórias cabo-verdianos. Em 1990, o autor recolhe e transcreve, sem traduzir, as letras de *finason* de outra cantadeira cabo-verdiana: Gida Mendi. Em 1992, Silva publica *Tenpu di Tenpu*, que tem 1168 adivinhas tradicionais, recolhidas entre 1976 e 1988 em várias ilhas de Cabo Verde e em Portugal (entre emigrantes cabo-verdianos). Em Silva (1997), no livro *Konparason di Konbésu*, o autor colige 1280 ditados e frases populares de Cabo Verde.

Também Humberto Lima se tem dedicado à recolha de contos tradicionais escritos em cabo-verdiano. Assim, em Lima (2000) encontramos uma coleção de quase trinta contos tradicionais, transcritos mas não traduzidos, a partir de entrevistas a informantes da ilha do Fogo. Em Lima (2005) são reunidos contos populares de quase todas as ilhas de Cabo Verde.

Em *O Primeiro Festival de Pequenos Cantores* (1985) são coligidas as letras de canções de quase todas as ilhas de Cabo Verde.

É de referir ainda o conjunto de doze entrevistas orais (transcritas e gravadas) publicado num CD anexo à obra de Baptista (2002), que aborda vários aspetos gramaticais do cabo-verdiano (variedade de sotavento).

Relativamente à produção escrita em kriyol, salientamos as obras de Pinto Bull (1989), que apresenta vários capítulos com textos didáticos, adivinhas, contos e um glossário, e de Couto (1991), publicação em que o autor reproduz e traduz textos escritos em kriyol (contos, fábulas, adivinhas, provérbios, excertos de textos de rádio e televisão e textos bíblicos, sendo estes últimos os únicos não traduzidos pelo autor). A produção escrita em crioulo da Casamansa tem ainda menos atestações, registando-se apenas Chataigner (1963), que disponibiliza 77 provérbios e respetiva tradução e, muito recentemente, Biagui (2012), onde se apresentam em anexo a transcrição e tradução (com glosas) de uma canção, um conto e provérbios.

Excerto de carta pessoal escrita em cabo-verdiano (variante de Santiago), com tradução original (Coelho 1880–1886, *apud* Morais-Barbosa 1967, 6)

*Ês culpa ê câ di nós, ê di govérno, que si al
bê animaba nós na calquér cuza, ê tâ
oprimíno cú má scoja di sês empregado,

qu'ê tâ manda pâ Cabo Berde.*

A culpa não é nossa, é do governo que longe
de animar-nos em qualquer cousa,
oprime-nos com a má escolha dos seus empre-
gados,
que ele manda para Cabo Verde.

***Pê d'Bufarêra*, poema de Sérgio Frusoni em cabo-verdiano de São Vicente, transcrito em Valkhoff (1975, 178s.)**

*bô côrp ti ta pâi frescura,
ma bô olhar ti ta companha, num tremura,
Vô dum pómba fêmea ta bá di sê pómba mótche.*

o teu corpo pede frescura,
mas o teu olhar segue, numa tremura,
o voo duma pomba que acode à chamada do seu
pombo.

Adivinhas em kriyol, com tradução original (Couto 1991, 158)

<i>Bakas na lala, nbe di e ñeme paja e ta ñeme reia/Karanga N tene dus fiju, e ka ta oja ntru/Uju</i>	As vacas no campo comem areia em vez de comer erva/Piolho. Tenho dois filhos que não se vêem mutuamente/ Os olhos.
<i>Čuba pudi čubi čiu i ka ta mojal/Sombra</i>	A chuva pode cair à vontade que não a molha/A sombra.

Provérbios em crioulo de Casamansa, com tradução original (Biagui 2012, 317)

<i>sabon ta labá susudadi ma i ka ta labá parentás tarbaju di mame' i almosu di fiju. kacor yendador wos o pañkada.</i>	Les liens de parenté sont indéfectibles. Un service rendu se paie toujours. Celui qui ne tente rien n'a rien.
---	---

A partir dos excertos acima podemos observar uma série de aspetos gramaticais que caracterizam os CAG, apesar de alguns deles também serem encontrados nos CCG e nos crioulos de base ptg. da Ásia (e.g., marcas pré-verbais de tempo-modo-aspeto). Assim, verificamos que, foneticamente, em cabo-verdiano, há uma oposição entre vogais abertas e médias associada à distinção das classes de palavras dos N (vogais abertas [ɛ, a, ɔ]: *gobérno* ‘governo’, *póm̃ba* ‘pomba’) e dos V (vogais médias [e, ɛ, o]: *ê* ‘é’). Notamos ainda que a consoante labiodental vozeada [v] é sistematicamente produzida como uma consoante bilabial vozeada [b]: *gobérno* ‘governo’; *animaba* ‘animava’; *Cabo Berde* ‘Cabo Verde’, *bakas* ‘vacas’, *labá* ‘lavar’. Esta neutralização da oposição fonológica entre as consoantes [v] e [b] não se verifica em cabo-verdiano de São Vicente: *vô* ‘voo’. Também é típico da variedade do cabo-verdiano de São Vicente e do crioulo de Casamansa a oxitonia dos V (*pd̃i* ‘pedir’, *companha* ‘acompanhar’, *labá* ‘lavar’), enquanto em cabo-verdiano de Santiago e em kriyol os V (não monossilábicos) são sempre paroxítonos: *manda* ‘mandar’, *ñeme* ‘comer’, *oja* ‘olhar’.

Relativamente à morfossintaxe do domínio nominal, os CAG exibem uma tendência para (i) marcar número apenas no primeiro elemento do grupo nominal (*sês empregado* ‘seus empregados’, *dus fiju* ‘dois filhos’); (ii) marcar lexicalmente género apenas em seres sexuados (*póm̃ba fêmea... póm̃ba mótche* ‘pomba... pombo’) e (iii) indicar definitude através do determinante dem. (*Ês culpa* ‘a culpa’) ou usar o N sem determinante (*Bakas* ‘as vacas’, *Čuba* ‘a chuva’).

Sintaticamente, a marcação de tempo-modo-aspeto nos CAG é essencialmente feita através de morfemas isolados que ocorrem antes do V (*tâ oprimino* ‘oprime-nos’; *ti ta pd̃i* ‘está a pedir’, *ta mojal* ‘molha-a’, *ta labá* ‘lava’). No entanto, a imperfetividade no passado é marcada à direita do V pelo morfema *-ba* (sufixal em cabo-verdiano, mas livre em kriyol – *odja-l ba* ‘via-o’): *animaba* ‘animava’.

Os CAG caracterizam-se igualmente pela ocorrência da negação antes dos morfemas de tempo-modo-aspeto (*ka ta mojal* ‘não a molha’), exceção feita apenas para o V cop.: *ê câ di nós* ‘não é nossa’.

2.2.2 Crioulos do Golfo da Guiné

A produção escrita nos quatro CGG é bastante limitada. No caso do principense e do angolano, os registos escritos reduzem-se a um conjunto de contos tradicionais, histórias do dia-a-dia, provérbios e adivinhas que foram recolhidos no âmbito das descrições gramaticais destas línguas (Valkhoff 1966; Günther 1973; Maurer 1995; 2009) e de uma tese de doutoramento (Lorenzino 1998). Maurer (1995) contém ainda uma adaptação do ms. inédito de Ribeiro (1888) em que se inspirou Schuchardt (1889a) para o seu artigo sobre o principense. O ms. contém as primeiras quadras e frases que se conhecem deste crioulo. Os primeiros textos e frases que se conhecem do fa d'ambô constam do estudo de Schuchardt (1888a). A publicação mais relevante é o *Cancionero oral annobonés* (Lêdjam 2008), uma compilação de canções e poesia da literatura oral com tradução espanhola. Duas obras que divulgam a cultura e a língua anobonenses, a *Notícia de Annobon* (Zamora-Loboch 1962) e a *Gramática descriptiva del fá d'ambô* (Zamora 2010), também nos brindam com alguns textos nesta língua.

Dos CGG, o santome apresenta a tradição escrita mais intensa e diversificada, porém restrito a um leque limitado de géneros, tais como a poesia, letras de músicas, provérbios, máximas, adivinhas e textos panfletários. Os primeiros textos conhecidos datam de finais do século XIX. Para além das publicações de Coelho (1880–1886) e Schuchardt (1882a), que compilaram alguns poemas e provérbios deste crioulo, é fundamental o cap. X da *Historia ethnographica da ilha de S. Thomé* (Negreiros 1895), que integra material diverso, como provérbios e um glossário, incluindo também um conjunto de poemas da autoria de Francisco Stockler (1834–1881), considerado o primeiro autor a escrever em santome. Reis (1965) publica em anexo um conjunto de 88 provérbios em santome. Ainda na mesma década, Valkhoff (1966) acompanha a sua breve descrição do santome e do principense de um conjunto de provérbios e frases nestas duas línguas.

A produção escrita em santome intensifica-se a partir da independência de São Tomé e Príncipe, em 1975. *Aguêdê zó véssu*, uma coleção de adivinhas e provérbios da autoria de Espírito Santo (1979), é a primeira monografia em que o santome é utilizado como língua principal. Seguem-se-lhe várias outras publicações em que o crioulo predomina, tais como o *Cancioneiro do grande festival da canção popular* (Direcção de Cultura 1984), uma pequena coletânea de canções escritas em santome e, de 1984 a 1986, os *Folhetim 1, 2, 3, 4 e 10*, da responsabilidade de Braga de Macedo, que constituem repositórios crioulos de poemas, anedotas, adivinhas, máximas e pequenas histórias. *A Coroa do mar* (Espírito Santo 1998) integra um conjunto significativo de textos em santome, abrangendo, por ex., histórias tradicionais, composições musicais e materiais ligados a outras manifestações culturais. *Semplu* (Daio 2002), uma obra integralmente escrita em santome, consiste numa compilação de 790 provérbios. Em *Mangungo*, Salvaterra (2010) dedica uma secção da sua obra a provérbios em santome e principense. Por fim, a obra *Manifestações culturais são-tomenses* (Amado 2011) inclui a transcrição de várias composições de conjuntos musicais.

Uma grande parte dos materiais descritos nesta secção integra os *corpora* eletrónicos dos CGG, descritos na secção 3.3 abaixo. Em seguida, apresentamos uma letra de música em santome do conjunto Os Úntues, adaptado de Espírito Santo (1998, 228s.).

San Jínga

Non saka vala ni xtlada
Non têndê sola
Soku non punta
Pôvô ê
Kê kwa ku tê sola?

Zao pa pôvô fada non
San Jínga so xka sola
San ligi kopu pê kabêsa
Pa kopu da son kebla
Kwa se sa manha montxi
Klupa na sa dji non fa.

Senhora Jínga

Íamos na estrada
 E ouvimos chorar
 Então perguntámos
 Ó povo
 Qual é a causa do choro?

O povo respondeu-nos
 Que a senhora Jínga é que estava a chorar
 Ela colocou o copo sobre a cabeça
 Mas ele caiu e partiu-se
 Isto é fruto da negligência
 A culpa não é nossa

Este pequeno texto apresenta um conjunto de traços gramaticais que caracterizam esta língua e que, em larga medida, também encontramos nos demais CGG, sendo geralmente distintos dos crioulos ptg. de outras áreas geográficas. Ao nível da estrutura silábica, os CGG apresentam sílabas abertas (o *n* em *non* ‘nós’ ou *san* ‘senhora, ela’ representa uma vogal nasal), com algumas exceções no *fa* d’ambô (e.g. *balba* ‘barba’). O santome apresenta grupos consonânticos com a líquida /l/ em C₂ ou C₃ (ex. *klupa* ‘culpa’, *kebla* ‘quebrar, partir’, *xklêvê* ‘escrever’), uma característica que não ocorre nos outros CGG, onde, nestes contextos, encontramos frequentemente alongamento vocálico ou apagamento da líquida etimológica. Os CGG também são conhecidos pelas regras de palatalização e despalatalização de sibilantes (ex. santome *sola* ‘chorar, choro’, *xintxi* ‘sentir’). Em vez de flexão morfológica, os CGG apresentam marcas de tempo-modo-aspeto em posição pré-verbal. As formas *saka* e *xka* no texto, por ex., indicam, tipicamente, o aspeto progressivo, ao passo que a ausência de marcação indica o perfectivo (ver *punta* ‘perguntar’, *fada* ‘dizer’). A organização sintática dos CGG caracteriza-se ainda pela existência de, por ex., poss. e dem. pós-nominais (*kwa se* ‘isto’, lit. ‘coisa dem.’; *ke non* ‘nossa casa’, lit. ‘casa poss.’), alguns quantificadores pós-nominais (e.g. linha 10 *manha montxi*, lit. ‘manha muito’) negação frásica descontínua (linha 11 *na...fa* em santome), exceto em principense, abundante serialização verbal (na linha 8, a estrutura locativa *ligi...pê* ‘colocar sobre’, lit. ‘erguer...pôr’ e na linha 9 a estrutura resultativa *da son kebla* ‘partir-se no chão’, lit. ‘dar chão quebrar’), elementos específicos para a focalização de constituintes, como *so* na linha 8, e, por fim, partículas finais, como o vocativo em *pôvô ê* ‘ó povo’, na linha 4.

2.2.3 Crioulos da Ásia

Em comparação com os crioulos de outras partes do mundo, os crioulos luso-asiáticos têm uma tradição escrita relativamente robusta. Estes crioulos beneficiaram de alguma atenção a partir do século XIX, que resultou no registo escrito de tradições orais mas também, nalguns casos, em traduções de cariz religioso, publicação de gramáticas e dicionários e ainda alguma produção literária. Para mais informação, recomenda-se a bibliografia de Tomás (1992).

2.2.3.1 Crioulos da Ásia meridional

Nem todos os crioulos ptg. da Ásia meridional gozam da mesma abundância de registos escritos. O crioulo de Ceilão (atual Sri Lanka) é de longe o mais rico a este respeito, ao passo que, por ex., o crioulo de Mahé está representado apenas numa publicação conhecida (Schuchardt 1889b).

O século XIX foi particularmente importante para a documentação dos crioulos ptg. desta região. Uma das primeiras obras a coligir textos crioulos é de natureza linguística: Berrenger (1811) é essencialmente um compêndio gramatical para aprender o crioulo ptg. da Ásia meridional – em particular o de Ceilão – mas traz em anexo alguns diálogos e breves histórias. Outras compilações oitocentistas tendem a privilegiar a transcrição de canções populares crioulas. É o caso do *Ramalhettino* (d'Abreu 1870), um folheto em três fascículos publicado em Goa com «alguns hinos e canções populares em ptg. e concani» no qual figuram cantigas crioulas. É também de 1870 ou 1880 uma importante antologia, conhecida como «Nevill manuscript» por ter sido identificada entre o espólio de Hugh Nevill, funcionário britânico que serviu em Ceilão, guardado na British Library. Trata-se de uma longa coleção de cantigas em crioulo de Ceilão, transcrita na íntegra e analisada em Jackson (1990). Ainda a propósito do interesse etnográfico pelas tradições orais crioulas, convém destacar um curto artigo saído em 1895 (Anon. 1895), no qual se publicam quatro canções «Kafferinhas», canções crioulas associadas à população afro-descendente de Ceilão.

Também no final do século XIX, surgem os trabalhos de Hugo Schuchardt sobre os crioulos luso-asiáticos, aos quais devemos associar os de Sebastião Dalgado, já do início do séc. XX. Os seus artigos podem bem ser considerados antologias, no sentido em que publicam quantidades consideráveis de dados (não apenas palavras, diálogos ou textos, mas também letras de canções e provérbios) recolhidos de vários informantes. No que diz respeito à Índia, Schuchardt publicou descrições dos crioulos de Cochim (1882b), Diu (1883a), Mangalor (1883b), Cananor e Mahé (1889b). Dalgado publica descrições, umas mais exaustivas do que outras, acerca dos crioulos de Damão (1902–1903), da zona de Bombaim (1906) e de Negapatão (1917) e ainda um estudo de uma canção crioula recolhida em Goa (1919). Para Ceilão, Dalgado (1900) colige uma boa quantidade de textos crioulos a partir das numerosas publicações religiosas oitocentistas – traduções da Bíblia, hinários ou o periódico *O Bruffador* –,

aos quais acrescenta textos litúrgicos de sua autoria. Schuchardt, por seu lado, não publica uma descrição do crioulo de Ceilão mas colige os muitos dados que obteve através da sua rede de correspondentes num ms. intitulado *Zum Indoportugiesischen von Ceylon* que não chega a dar à estampa; o documento foi integralmente traduzido em Jayasuriya (1999).

Já no século XX, Tavares de Melo, um indiano que residiu em Colombo até 1908, publica as suas recolhas das tradições orais em crioulo de Ceilão em diversas revistas, entre 1905 e 1914; quase todas estas publicações foram posteriormente reunidas numa coletânea (Tavares de Melo 1998). Em 1914, é publicado em Colombo um curto folheto anónimo de oito páginas (Anon. 1914) contendo canções populares em crioulo de Ceilão. Mais tarde, sai no *Journal of the Dutch Burgher Union of Ceylon* um artigo no qual se transcrevem textos, canções e um diálogo, para além de breves notas gramaticais (Vos 1950). Na Índia, António Francisco Moniz publica também diversas canções crioulas na sua extensa obra *Notícias e Documentos para a História de Damão* (Moniz 1923) e ainda num artigo (Moniz 1925) dedicado às tradições orais da comunidade de ascendência africana.

Na década de 70 do século XX, inicia-se um novo período de interesse científico sobre os crioulos indo-portugueses e os seus falantes. De entre as várias publicações que então surgem, são de destacar aqui as de Kenneth Jackson: Jackson (1990) transcreve o ms. ceilonense de Nevill e aborda o cancionário crioulo da Índia; Jackson (2005) faz um retrato da influência ptg. na Ásia meridional que inclui a coleção de vários textos crioulos. Goonatilleka é outro estudioso a abordar estas temáticas em várias publicações, a mais relevante das quais, para o caso, é porventura o seu artigo de 1985, que inclui em anexo vários excertos de textos anteriormente publicados e de um ms. recolhido em Batticaloa. Clements/Martis/D'Souza (1991) é uma coletânea de histórias em crioulo de Korlai em escrita devanagari. Da investigação de Shihan de Silva Jayasuriya acerca do crioulo do Sri Lanka, são de destacar Jayasuriya (1996), um outro estudo do ms. de Nevill, e Jayasuriya (2002), que explora a influência musical ptg. na ilha e transcreve diversas canções crioulas. Em Diu, circula atualmente, em múltiplas cópias, uma recolha anónima intitulada *Cantigas de Diu*, que apresenta semelhanças óbvias com uma antologia feita na década de 1950 pelo damanense Ludovico Machado. Algumas canções da versão diuense, entre as quais a que se reproduz de seguida, foram transcritas em Cardoso (2010); o ms. damanense é estudado por Almeida (2013), que faz uma vasta recolha das tradições musicais de Damão.

Canção popular diuense, da coletânea anônima *Cantigas de Diu*; tradução de Cardoso (2010, 115)

<i>Burro de mainate, burro de mainate</i>	O burro do lavadeiro, o burro do lavadeiro
<i>Já quibrô mão, já quibrô pé</i>	Partiu a mão, partiu o pé
<i>Marrô um pau, já fêz empê – ó jumbecê</i>	Amarrou-se-lhe um pau, pôs-se em pé – ó jum- becê
<i>Burro de mainate, burro de mainate</i>	O burro do lavadeiro, o burro do lavadeiro
<i>Já rachô coss, ficô lulá</i>	Rachou as costas, ficou coxo
<i>Marrô patá, já fêz andá – ó jumbecê</i>	Amarrou-se uma ligadura e pôs-se a andar – ó jumbecê
<i>Burro de mainate, burro de mainate</i>	O burro do lavadeiro, o burro do lavadeiro
<i>Quimô fucinho, butô azê</i>	Queimou o focinho, pôs-se óleo
<i>Sentiu frescúr e marrô na carrê – ó jumbecê</i>	Sentiu o frescor e amarrou-se na carroça – ó jumbecê

Do ponto de vista linguístico, os crioulos indo-portugueses são bastante diversos; este texto mostra algumas características que tipificam os crioulos indo-portugueses do norte, por vezes referidos coletivamente como *norteiros*. A forma de várias palavras revela a tendência destes crioulos para a oxitonia, que se manifesta na elisão da (quase) totalidade das sílabas pos-tônicas em ptg.: ex. *cóss* (ptg. *costas*), *carrê* (ptg. *carreta*). Nos crioulos norteiros, certa informação de tempo e aspeto é transmitida por flexão verbal; neste texto, encontramos várias formas finitas de passado, como sejam linha 2,3 *quibrô* (ptg. *quebrou*) ou *fêz*. A frequente utilização de *já* como marcador de passado (ex. linha 5 *já rachô*, *já rachô*) não tem reflexo no atual crioulo de Diu (v. Cardoso 2009), mas está bem documentada no *corpus* oitocentista de Schuchardt (1883a). Alguns lexemas têm origem em línguas indianas, tais como *patá* (linha 6) e *mainate* (linha 1); um outro, *empê* (linha 3), é interessante por resultar da contração da expressão ptg. *em pé* e, apesar dessa derivação peculiar, se encontrar na generalidade dos crioulos luso-asiáticos.

2.2.3.2 Crioulos do sudeste asiático

No conjunto dos crioulos ptg. do sudeste asiático, o de Malaca tem lugar de destaque, não apenas pelo papel desta cidade na difusão da língua ptg. por toda a região como também pelo facto de ser o único sobrevivente. Contudo, é para o crioulo de Batávia e da vizinha Tugu que temos os mais antigos registos escritos; no final do século XIX, Schuchardt (1891) publica um extenso estudo deste crioulo no qual transcreve uma grande quantidade de dados retirados da sua correspondência e de obras anteriormente publicadas – para uma transcrição e estudo aprofundado deste *corpus*, veja-se Maurer (2011). Ainda para Tugu, é de referir a obra de França (1970), que contém em apêndice transcrições de músicas e letras de canções «krontjong», excertos de um auto e listas de vocabulário; e ainda o estudo de Wallace (1978).

O registo do crioulo de Malaca, por seu lado, fica a dever muito a António da Silva Rêgo, que, entre 1929 e 1968, publicou diversos artigos a este respeito. É sobretudo a sua obra *Dialecto português da Malaca* (Rêgo 1942) que aqui nos interessa, já que alia à descrição linguística um extenso anexo no qual se transcrevem discursos breves e histórias, textos votivos e canções; esta obra e algumas outras foram coligidas em Rêgo (1998). Entre as obras mais tardias sobre Malaca, cumpre destacar aqui Teixeira (1973) e Batalha (1981). Da obra etnomusicológica de Margaret Sarkissian, destaca-se Sarkissian (2000), que faz um vasto apanhado do cancionário crioulo de Malaca. Joan Marbeck (1995; 2004) também publica coletâneas de curtos textos em crioulo.

Quanto ao crioulo falado em Singapura pela comunidade de origem malaquenha, cumpre referir a obra de Scully/Zuzarte (2004), que, sendo essencialmente um dicionário bilingue, abre com uma pequena recolha de provérbios, canções, poemas e rezas.

O crioulo de Bidau, em Timor, foi também alvo de alguma atenção. Alberto Osório de Castro, que residiu em Timor no início do século XX, publica em *A ilha verde e vermelha de Timor* (Castro 1943) uma compilação modesta dos dados orais que conseguiu recolher. Alan Baxter (1990) colige e analisa todos os dados conhecidos do crioulo de Bidau.

Os seguintes versos, representativos dos crioulos do sudeste asiático, foram recolhidos em Malaca.

Duas estrofes de uma cantiga de Malaca (Rêgo 1998 [1942], 89, 116)

*Pastorinho berde,
Más bêrde di rico flor;
Bai lebá êste chito,
Dá com eu sa amor.*

Passarinho verde,
Mais verde do que a rica flor;
Leva este recado,
E dá-o ao meu amor.

*Pastorinho berde,
Um ramo santá dôs dôs;
Eu nádi morrê lonzi,
Eu logo more perto bôs.*

Passarinhos verdes,
Sentam-se num ramo aos pares;
Eu não morrerei longe,
Eu morrerei perto de tí.

Aqui encontramos alguns traços importantes do crioulo de Malaca, como sejam linha 4 a marcação do objeto pela prep. *com* (na ortografia atual, *ku*) ou a utilização de um marcador gen. pós-nominal *sa* (do ptg. *sua*): ex. *eu sa amor* (linha 4). Este crioulo faz uso produtivo da reduplicação com funções icónicas, nas quais se incluem a indicação de pluralidade e intensidade, mas também, como se vê em *dôs dôs* ('aos pares', i.e. 'dois a dois'), a de distributividade. A primeira estrofe contém ainda uma construção comparativa na qual se verifica que o padrão é marcado por uma prep. locativa com valor abl., linha 2 a prep. *di* em *di rico flor*. Nos dois últimos versos, observa-se uma dicotomia nos marcadores pré-verbais de fut., com uma forma positiva *logo* e outra negativa *nádi* (do ptg. *não há-de*).

2.2.3.3 Crioulos da Ásia oriental

O panorama da Ásia oriental é dominado pelo crioulo de Macau – falado nesta cidade mas também por comunidades macaenses noutros locais. Pode reconhecer-se uma referência ao crioulo de Macau numa obra de 1745–1746 composta pelos oficiais chineses Yin Guangren [Ian Kuong Jam] e Zhang Rulin [Tcheong U Lam], *Ou Mun Kei Leok*, a qual, contudo, apenas nos apresenta um pequeno glossário. Este crioulo, como outros do Oriente, tem um dos seus tratamentos mais antigos nos artigos de Coelho (1880–1886) e, para além deste, também Bento da França (1897) publica alguns textos.

Contudo, o facto de dispormos de uma substancial quantidade de material oitocentista em crioulo de Macau fica a dever-se em grande medida à ação de João Feliciano Marques Pereira, que deu à estampa vários textos – recolhidos de diversas fontes – no seu periódico *Ta-Ssi-Yang-Kuo* (Pereira 1899–1900a; 1899–1900b; 1899–1901a, 1899–1901b). Estes textos, entre outros, vieram mais tarde a integrar uma vasta antologia de textos em crioulo de Macau, organizada por Leopoldo Danilo Barreiros (1943–1944). Duas importantes estudiosas de Macau, mais tardias, foram Graciete Batalha e Ana Maria Amaro; na sua vasta obra, encontramos recolhas significativas de tradições orais, sobretudo em Batalha (1958–1959; 1968; 1988) e Amaro (1972; 1974). Também a dissertação de Marie Arana-Ward (1977) contém uma coletânea de textos escritos de diversas proveniências.

Existe ainda alguma tradição literária em crioulo de Macau, que produziu não apenas prosa e poesia mas também textos dramaturgicos e traduções. De entre os autores que escreveram nesta língua, sobressai o nome de José dos Santos Ferreira (1919–1993). A sua obra foi integralmente reeditada pela Fundação Macau em 1996 e os seus textos em crioulo pontuam obras científicas e antologias literárias referentes a Macau, como ex. Azevedo (1984) ou Arrimar/Jingming (1999).

O excerto abaixo está entre os mais antigos que se conhecem para o crioulo de Macau:

Excerto da Carta de Siára Pancha a Nhim Miquela, de 1865, transcrita em Barreiros (1943–1944, 31); tradução nossa

Agora tá gavartá Sam Paulo: achá un-ha buracu na Monte, ôtro na frontipicio di igreja e gente antigo falá sam caminho di basso di téra qui vai di igreja pra fortaleza na tempo de paulista, porisso agora gravatá tudo aquele mato, para descobri caminho. Tudu gente falá ali tem tanto pataca qui jsuuta interá eu achá graça; pôde cré? Padri-padri que cusa cusa pôde tem? coitado. Eu senti sam historia. Mesmo caminho, qui sabe? Elôtro qui cusa fazê cô caminho basso di téra? Elôtro nunca sam heregi como pedrêro livre, que cusa fazê di lugar pra escondê?

Agora estão a escavar em São Paulo: acharam um buraco no Monte e outro no frontispício da igreja e as pessoas mais velhas dizem que é um caminho subterrâneo que ia da igreja para a fortaleza no tempo dos paulistas; por isso estão agora a escavar todo aquele mato, para descobrir o caminho. Toda a gente diz que há ali muito dinheiro que os jesuítas enterraram. Eu acho graça: consegues crer? O que é que os padres podem ter? Coitados. Acho que são histórias. Até mesmo o caminho, quem sabe? O que é que eles fariam com um caminho subterrâneo? Eles não eram hereges como os maçons, o que fariam do esconderijo?

Neste texto, encontramos alguns traços que reconhecemos de outros crioulos luso-asiáticos, como sejam o recurso à reduplicação (*padri-padri, cusa cusa*) e a marcadores pré-verbais de tempo-aspeto (no caso, o marcador de aspeto contínuo *tá*) ou a ausência de art. def. Há, porém, outros traços que ainda não encontramos, alguns dos quais com uma distribuição que transcende Macau. É o caso da partícula de negação *nunca* ou a forma do art. indef. e numeral *un-ha* (representado em fontes mais recentes como *unga*). É ainda o caso do pron. pess. de terceira pessoa *elôtro* ‘eles/elas’, derivado do ptg. *ele + outro*; na maioria dos crioulos luso-asiáticos, não apenas os pron. de terceira pessoa mas também de segunda e até primeira constroem desta forma a pluralidade. Uma peculiaridade do crioulo de Macau no contexto asiático, contudo, é a forma da cópula *sam* (do ptg. *são*), que encontramos neste texto; nos demais crioulos luso-asiáticos, em geral, cópulas, V locativos, existenciais e possessivos são sincréticos e derivam do V ptg. *ter* – cf. o existencial que ocorre neste texto, em *ali tem tanto pataca*.

3 *Corpora* e meios eletrónicos para crioulos portugueses

Nesta secção apresentamos, de forma sucinta, os *corpora* que estão atualmente disponíveis para os crioulos ptg.

3.1 APiCS online

No *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online* (APiCS) do Instituto Max Planck de Leipzig, disponível em linha em apics-online.info desde finais de 2013, que acompanha a edição de Michaelis et al. (2013a, b) estão representados todos os crioulos ptg. de África, bem como os crioulos asiáticos de Diu, Korlai, Sri Lanka, Malaca e Batávia.

3.2 Hugo Schuchardt Archiv

O Hugo Schuchardt Archiv (HSA), disponível em schuchardt.uni-graz.at, contém a publicação eletrónica do conjunto de trabalhos de Schuchardt e dos materiais primários que utilizou. O seu interesse pelos crioulos ptg. reflete-se nos trabalhos produzidos entre 1882 e 1893 (v. secção 2.1).

3.3 *Corpora* dos crioulos do Golfo da Guiné

Estes *corpora*, disponíveis em linha em <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/> desde 2014, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, consistem numa compilação de textos escritos entre o final do século XIX e o presente e de transcrições de gravações. O processo de compilação e tratamento destes *corpora* encontra-se descrito em Hagemeijer et al. (2014).

3.4 Malaca

O *Endangered Language Archive* (ELAR) do SOAS inclui um conjunto de gravações de vídeo e áudio do crioulo de Malaca que foram recolhidos em 2011 no *Kampung Portugis* [Bairro Português], o bairro de Malaca onde reside grande parte dos falantes desta língua. Os materiais estão disponíveis em elar.soas.ac.uk/deposit/0123.

4 Bibliografia

- d'Abreu, Miguel Vicente (1870), *Ramalhetinho, jornal de alguns hinos e canções populares em português e concani*, 3 fasc., Goa.
- Almeida, Ana Cristina de Oliveira (2013), *Nós há de morrer... óss tem de cantar! Música, memória e imaginação em Damão, trânsitos pós-coloniais*, Dissertação de doutoramento, Universidade de Aveiro.
- Amado, Lúcio Neto (2011), *Manifestações culturais são-tomenses*, São Tomé, UNEAS.
- Amaro, Ana Maria (1972), *Jogos, brinquedos e outras diversões populares em Macau*, Macau, Imprensa Nacional.
- Amaro, Ana Maria (1974), *Adivinhas populares de Macau – 1ª parte: Adivinhas em antigo patois de Macau*, Boletim do Instituto Luís de Camões 8/4, 193–214.
- Anon. (1895), *The Caffirs of Ceylon and their music*, Monthly Literary Register and Notes and Queries for Ceylon 3/6, 133s.
- Anon. (1914), *Cantigas ne o lingua de Portuguez, Impressado ne Matre, 23 de Juni 1914*, Colombo, Sridhara Press.
- Arana-Ward, Marie (1977), *A synchronic and diachronic investigation of Macanese: The Portuguese-based creole of Macao*, Dissertação de mestrado, The University of Hong Kong.
- Arrimar, Jorge/Jingming, Yao (edd.) (1999), *Antologia de poetas de Macau*, Macau, Instituto Camões/ Instituto Cultural de Macau/Instituto Português do Oriente.
- A viagem dos sons* (1998), Tradisom, colecção de 12 CDs.
- Azevedo, Rafael Ávila de (1984), *A influência da cultura portuguesa em Macau*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Baptista, Marlyse (2002), *The syntax of Cape Verdean creole: The Sotavento varieties*, Amsterdam/ Philadelphia, Benjamins.
- Barreiros, Leopoldo Danilo (1943–1944), *O dialecto português de Macau*, Renascimento, número especial.
- Batalha, Graciete Nogueira (1958–1959), *Estado actual do dialecto macaense*, Revista Portuguesa de Filologia 9, 177–213.

- Batalha, Graciete Nogueira (1968), *Aspectos do folclore de Macau*, Boletim do Instituto Luís de Camões 2:2, 5–12.
- Batalha, Graciete Nogueira (1981), *O inquérito linguístico Boléo em Malaca – O Chão de Padre e seus moradores «portugueses»*, Biblos 57, 25–63.
- Batalha, Graciete Nogueira (1988), *Glossário do dialecto macaense. Notas linguísticas, etnográficas e folclóricas e suplemento ao glossário do dialecto macaense. Notas linguísticas, etnográficas e folclóricas*, Macau, Instituto Cultural de Macau.
- Baxter, Alan N. (1990), *Notes on the Creole Portuguese of Bidau, East Timor*, Journal of Pidgin and Creole Languages 5/1, 1–38.
- Baxter, Alan N. (1996), *Portuguese and Creole Portuguese in the Pacific and Western Pacific Rim*, in: Stephen A. Wurm/Peter Mühlhäusler/Darrell T. Tryon (edd.), *Atlas of languages of intercultural communication in the Pacific, Asia and the Americas*, vol. 2,1, Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 299–338.
- Berrenger (1811), *A grammatical arrangement on the method of learning the corrupted Portuguese as spoken in India*, Colombo, Government Press.
- Biagui, Noël (2012), *Description générale du créole afro-portugais parlé à Ziguinchor (Sénégal)*, Dissertação de doutoramento, Paris, INLCO-LLACAN, CNRS.
- Braga de Macedo, Teófilo (c. 1984–1986), *Folhetim 1 a 10*, São Tomé, Empresa de Artes Gráficas.
- Brito, António de Paula (1887), *Dialectos crioulos-portugueses. Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde*, in: Jorge Morais-Barbosa (ed.) (1967), *Estudos linguísticos crioulos*, Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 329–404.
- Cardoso, Hugo C. (2009), *The indo-portuguese language of Diu*, Utrecht, Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap.
- Cardoso, Hugo C. (2010), *O cancionero das comunidades noroesteiras: Língua, fontes e tradição*, Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas 20, 105–123.
- Castro, Alberto Osório de (1943), *A ilha verde e vermelha de Timor*, Lisboa, Agência Geral das Colónias.
- Chataigner, Abel (1963), *Le créole portugais du Sénégal: Observations et textes*, Journal of African Languages 2/1, 44–71.
- Clements, J. Clancy (2000), *Evidência para a existência de um pidgin português asiático*, in: Ernesto d'Andrade/Dulce Pereira/Maria Antónia Mota (edd.), *Crioulos de base lexical portuguesa*, Braga, Associação Portuguesa de Linguística.
- Clements, J. Clancy/Martis, Teresa J./ D'Souza, Teresa J. (edd.) (1991), *No ling su istor: Istor Korlai su ling su det*, Bombaim, Ananda Mudranalaya.
- Coelho, Francisco Adolfo (1880–1886), *Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*, Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa 2ª série (3), 129–196; 3ª série (8), 451–478; 6ª série (12), 705–755.
- Costa, Joaquim V. Botelho da/Duarte, Custódio José (1886), *O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt*, in: Jorge Morais-Barbosa (ed.) (1967), *Estudos Linguísticos Crioulos*, Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 235–328.
- Couto, Hildo Honório do (1991), *O crioulo da Guiné-Bissau: Visão histórica, situação linguística, esboço gramatical e textos*, Hamburg, Buske.
- Couto, Hildo Honório do (1996), *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*, Brasília, UNB.
- Daio, Olinto (2002), *Semplan*, São Tomé, Gesmedia.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo (1900), *Dialecto indo-português de Ceilão*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo (1902–1903), *Dialecto indo-português de Damão*, Ta-Ssi-Yang Kuo, Archivos e annaes do Extremo Oriente Portuguez 3, 350–367; 4, 515–523.

- Dalgado, Sebastião Rodolfo (1906), *Dialecto indo-português do Norte*, Revista Lusitana 9, 142–166, 193–228.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo (1917), *Dialecto indo-português de Negapatão*, Revista Lusitana 20, 40–53.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo (1919), *Berço de uma cantiga em indo-português (à memória de Ismael Gracias)*, Revista Lusitana 22, separata.
- Direcção de cultura (1984), *Cancioneiro do grande festival da canção popular*, São Tomé, Empresa de Artes Gráficas.
- Duarte, Dulce Almada (2003), *Bilinguismo ou diglossia?*, São Vicente, Spleen.
- Espírito Santo, Carlos (1979), *Aguêdê zó véssu*, Lisboa, Grafitécnica.
- Espírito Santo, Carlos (1998), *A coroa do mar*, Lisboa, Cooperação.
- Ferraz, Luiz Ivens (1987), *Portuguese creoles of West Africa and Asia*, in: Glenn G. Gilbert (ed.), *Pidgin and Creole Languages: Essays in Memory of John E. Reinecke*, Honolulu, University of Hawaii Press, 337–360.
- França, António Pinto da (1970), *Portuguese influence in Indonesia*, Jakarta, Gunung Agung.
- França, Bento da (1897), *Macau e os seus habitantes. Relações com Timor*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Goonatilleka, M.H (1985), *A Portuguese creole in Sri Lanka: A brief socio-linguistic survey*, in: Teotónio R. de Souza (ed.), *Indo-Portuguese history: Old issues, new questions*, New Delhi, Concept, 147–180.
- Günther, Wilfried (1973), *Das Portugiesische Kreolisch der ilha do Príncipe*, Marburg an der Lahn, Greschat.
- Hagemeijer, Tjerk (2011), *The Gulf of Guinea creoles: Genetic and typological relations*, Journal of Pidgin and Creole Languages 26/1, 111–154.
- Hagemeijer, Tjerk, et al. (2014), *The Gulf of Guinea creole corpora*, in: *Proceedings of the 9th LREC conference*. In *Proceedings of the Ninth International Conference on Language Resources and Evaluation – LREC'14*, May 26–31, Reykjavik, Iceland, 523–529.
- Holm, John A. (1989), *Pidgins and creoles*, vol. 2: *Reference Survey*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Jackson, Kenneth David (1990), *Sing without shame: Oral traditions in Indo-Portuguese Creole verse*, Amsterdam/Macau, Benjamins/Instituto Cultural de Macau.
- Jackson, Kenneth David (2005), *De Chaul a Batticaloa: As marcas do império marítimo português na Índia e no Sri Lanka*, Ericeira, Mar de Letras.
- Jacobs, Bart (2010), *Upper Guinea creole: Evidence in favor of a Santiago birth origins of Papiamentu: Linguistic and historical evidence*, Journal of Pidgin and Creole Languages 25/2, 289–343.
- Jayasuriya, Shiha de Silva (1996), *Indo-Portuguese songs of Sri Lanka: The Nevill manuscript*, Bulletin of the School of Oriental and African Studies 59/2, 253–267.
- Jayasuriya, Shiha de Silva (1999), «On the Indo-Portuguese of Ceylon»: *A translation of a Hugo Schuchardt manuscript*, Portuguese Studies 15, 52–69.
- Jayasuriya, Shiha de Silva (2002), *The Portuguese Encounter with Sri Lanka: A Musical Interface*, Episteme 10/11/12, 183–201.
- Kihm, Alain (1994), *Kriyol Syntax: The Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*, Amsterdam/Philadelphia, Benjamins.
- Lêdjam, Nánāy-Menemôl (2008), *Cancionero oral annobonés*, Barcelona, Ceiba.
- Lima, Humberto (ed.) (2000), *Un bes tinha nhu lobu ku xibinhu*, Praia, Instituto de Promoção Cultural.
- Lima, Humberto (ed.) (2005), *Karlus Magnu di pasaji pa Kabu Verdi*, Praia, Instituto da Investigação e do Património Culturais.
- Lorenzino, Gerardo (1998), *The Angolar creole Portuguese of São Tomé: Its grammar and socio-linguistic history*, Dissertação de doutoramento, City University of New York.
- Marbeck, Joan (1995), *Ungua adanza; An inheritance*, Malaca, Loh Printing Press.

- Marbeck, Joan (2004), *Linggu Mai*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Maurer, Philippe (1995), *L'Angolar: Un créole afro-portugaise parlé à São Tomé*, Hamburg, Buske.
- Maurer, Philippe (2009), *Principense – Grammar, texts, and vocabulary of the Afro-Portuguese creole of the Island of Príncipe*, London, Battlebridge.
- Maurer, Philippe (2011), *The former Portuguese creole of Batavia and Tugu (Indonesia)*, London/Colombo, Battlebridge.
- Michaelis, Susanne Maria, et al. (edd.) (2013a), *The atlas of pidgin and creole language structures*, Oxford, Oxford University Press.
- Michaelis, Susanne Maria, et al. (edd.) (2013b), *The survey of pidgin and creole languages*, 3 vol., Oxford, Oxford University Press.
- Moniz, António Francisco (c1923), *Notícias e documentos para a história de Damão: Antiga província do Norte*, Bastorá, Tipografia Rangel.
- Moniz, António Francisco (1925), *The negroes and St. Benedict's feast*, in: *The mission field. The diocese of Damaun*, Bombaim, S.R. Santos, 570–572.
- Morais-Barbosa, Jorge (ed.) (1967), *Estudos linguísticos crioulos*, Lisboa, Academia Internacional de Cultura Portuguesa.
- Moura, Jacinto José do Nascimento (1934), *Crioulo e folclore de Cabo-Verde*, Porto, 1ª Exposição Colonial Portuguesa.
- Negreiros, António Lobo de Almada (1895), *Historia ethnographica da ilha de S. Tomé*, Lisboa, José Bastos.
- Pereira, João Feliciano Marques (1899–1900a), *Cancioneiro musical crioulo*, Ta-Ssi Yang Kuo: Archivos e annaes do Extremo Oriente Portuguez série 2/1, 239–243.
- Pereira, João Feliciano Marques (1899–1900b), *Quadras populares*, Ta-Ssi Yang Kuo: Archivos e annaes do Extremo Oriente Portuguez série 2/1, 703–707.
- Pereira, João Feliciano Marques (1899–1901a), *Subsídios para o estudo dos dialectos crioulos do Extremo Oriente*, Ta-Ssi Yang Kuo: Archivos e annaes do Extremo Oriente Portuguez série 2/1, 53–66; 121–127; 189–196; 259–263; 323–326; série 2/2, 457–460; 517–522; 777–786.
- Pereira, João Feliciano Marques (1899–1901b), *«Folk-lore» macaísta*, Ta-Ssi Yang Kuo: Archivos e annaes do Extremo Oriente Portuguez série 2/1, 319–321; série 2/2, 515s.
- Pinto Bull, Benjamim (1989), *O crioulo da Guiné-Bissau: Filosofia e sabedoria*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.
- Post, Marike (1998), *La situación lingüística del fa d'ambô*, Foro Hispánico 13 (*Sociolingüística: Lenguas en contacto*), Amsterdam, Rodopi.
- Primeiro festival de pequenos cantores* (1985), Praia, O.P.A.D. – C.V.
- Rêgo, António da Silva (1942), *Dialecto português da Malaca; Apontamentos para o seu estudo*, Lisboa, Agência Geral das Colónias.
- Rêgo, António da Silva (1998), *Dialecto português de Malaca e outros escritos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Reis, Fernando (1965), *Sóia. Literatura oral de São Tomé*, Braga, Pax.
- Ribeiro, Manuel Ferreiro (1888), *Dialecto da ilha do Príncipe*, ms. nº 11.23.12, Schuchardt Archiv da Universidade de Graz, Áustria.
- Romano, Luís (1982), *Contravento: Antologia bilingue da poesia caboverdiana*, Boston, Atlantis.
- Salvaterra, Jerónimo (2010), *Mungungo: Mitos e cultura santomenses*, São Tomé, Modelo-Brindes Publicitários Lda.
- Sarkissian, Margaret (2000), *D'Albuquerque's children; Performing tradition in Malaysia's Portuguese Settlement*, Chicago/London, University of Chicago Press.
- Schuchardt, Hugo (1882a), *Kreolische Studien I. Über das Negerportugiesische von S. Thomé*, Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie des Wissenschaften zu Wien 101(II), 889–917.

- Schuchardt, Hugo (1882b), *Kreolische Studien II. Über das Indoportugiesische von Cochim*, Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien (Philosophisch-historische Klasse) 102, 799–816.
- Schuchardt, Hugo (1883a), *Kreolische Studien III. Über das Indoportugiesische von Diu*, Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien (Philosophisch-historische Klasse) 103, 3–18.
- Schuchardt, Hugo (1883b), *Kreolische Studien VI. Über das Indoportugiesische von Mangalore*, Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien (Philosophisch-historische Klasse) 105/3, 882–904.
- Schuchardt, Hugo (1888a), *Kreolische Studien VII. Über das Negerportugiesische von Annobom*, Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie des Wissenschaften zu Wien 116/1, 193–226.
- Schuchardt, Hugo (1888b), *Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch II. Zum Negerportugiesischen Senegambiens*, Zeitschrift für romanische Philologie 12, 301–312.
- Schuchardt, Hugo (1888c), *Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch III. Zum Negerportugiesischen der Kapverden*, Zeitschrift für romanische Philologie 12, 312–322.
- Schuchardt, Hugo (1889a), *Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch IV. Zum Negerportugiesischen der Ilha do Príncipe*, Zeitschrift für romanische Philologie 13, 463–475.
- Schuchardt, Hugo (1889b), *Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch VI. Zum Indoportugiesischen von Mahé und Cannanore*, Zeitschrift für romanische Philologie 13, 516–524.
- Schuchardt, Hugo (1891), *Kreolische Studien IX. Über das Malaiportugiesische von Batavia und Tugu*, Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien (Philosophisch-historische Klasse) 122/9, 1–256.
- Scully, Valerie/Zuzarte, Catherine (2004), *The Eurasian heritage dictionary*, Singapore, SNP International.
- Silva, Tomé Varela da (1985), *Finasons di ña Nasia Gomi*, Praia, Instituto Kauberdianu di Libru.
- Silva, Tomé Varela da (1987), *Na bóka noti I e II*, Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Silva, Tomé Varela da (1990), *Ña Gida Mendi – simenti di onti na çon di mañan*, Praia, Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco.
- Silva, Tomé Varela da (1992), *Tenpu di Tenpu*, Praia, Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco.
- Silva, Tomé Varela da (1997), *Konparason di konbêrsu*, Praia, Instituto Cabo-verdiano do Livro.
- Tavares de Melo (1998), *Folclores ceilonenses; Colectânea de textos do crioulo português do Ceilão*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Teixeira, Manuel (1973), *Malaca portuguesa e o seu Papiá*, A Bem da Língua Portuguesa, Nova série 4/22, 145–150.
- Thomaz, Luís Filipe F. R. (1985), *A língua portuguesa em Timor*, in: *Actas do congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*, vol. 1, Lisboa, ICALP, 313–339.
- Tomás, Maria Isabel (1992), *Os crioulos portugueses do Oriente: Uma bibliografia*, Macau, Instituto Cultural de Macau.
- Tomás, Maria Isabel/Pereira, Dulce (1998), *Os espaços do crioulo. Textos nos crioulos de base portuguesa*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Valkhoff, Marius (1966), *Studies in Portuguese and creole*, Johannesburg, Witwatersrand University Press.
- Valkhoff, Marius (1975), *Miscelânea luso-africana: Colectânea de estudos coligidos*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Vos, F.H. de (1950), *Portuguese patois*, Journal of the Dutch Burgher Union of Ceylon 40/4, 134–139.
- Wallace, Stephen (1978), *What is a creole? The example of the Portuguese language of Tugu, Jakarta, Indonesia*, in: Margarita Suñer (ed.), *Contemporary studies in Romance linguistics*, Washington DC, Georgetown University Press, 340–377.

Zamora, Armando (2010), *Gramática descriptiva del fa d'ambô*, Barcelona, CEIBA.

Zamora-Loboch, Miguel (1962), *Noticia de Annobon (Su geografía, historia y costumbres)*, Madrid, Papelería Madrileña Mayor.

